



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA

REBECA PEREIRA SANTOS

**O FILME EM SALA DE AULA “JOSUÉ E O PÉ DE MACAXEIRA” (2009):
POSSIBILIDADES INCLUSIVAS PARA ESTUDANTES DIAGNOSTICADOS
COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA**

Brasília – Distrito Federal
2023

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

CURSO DE PEDAGOGIA

**O FILME EM SALA DE AULA “JOSUÉ E O PÉ DE MACAXEIRA” (2009):
POSSIBILIDADES INCLUSIVAS PARA ESTUDANTES DIAGNOSTICADOS
COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado como exigência parcial para
obtenção do grau de licenciado no curso
de Pedagogia da Faculdade de Educação
(FE) da Universidade de Brasília (UnB).

Orientadora: Professora Dra. Andrea
Cristina Versuti

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

PP436f Pereira Santos, Rebeca
O filme em sala de aula "Josué e o Pé de Macaxeira"
(2009): Possibilidades inclusivas para estudantes
diagnosticados com o Transtorno do Espectro Autista - TEA /
Rebeca Pereira Santos; orientador Andrea Cristina Versuti.
- Brasília, 2023.
33 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de
Brasília, 2023.

1. Autismo. 2. Inclusão. 3. Educação midiática. I.
Versuti, Andrea Cristina, orient. II. Título.

“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.” (Paulo Freire)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus, que em sua bondosa misericórdia nunca me desamparou e nunca me deixou desistir de nada. Foi Ele que colocou desde o início a minha paixão por lecionar e orientou cada um dos meus passos.

À minha amada mãe Edna, que sem ela eu não estaria viva e não teria me motivado a seguir meus sonhos, desejos e conseguir realizar cada um deles, por mais difíceis que pudessem parecer ser. Ela que sempre sorriu e chorou comigo, e que fez de tudo para me proporcionar os estudos que ela não teve a oportunidade de ter, e que vivo para agradecê-la por tudo e honrá-la em todos os meus dias.

Aos meus avós maternos Raimunda e Antônio, que são como pais para mim e sempre torceram e oraram pela minha vida e meu futuro em todos os momentos. Não sei o que seria de mim sem eles, sem todo o amor e amparo que tanto precisamos daqueles que nós amamos. Sem eles, eu não teria conseguido ter chegado até aqui, pois em minhas maiores dificuldades da vida, fossem emocionais ou financeiras, me compreenderam e me ajudaram para que eu pudesse continuar seguindo em minha graduação.

Aos meus amigos que estiveram comigo em toda a minha caminhada, que viram meus surtos, escutaram meus desabafos, me levantaram quando tudo que eu queria era desistir. Se fizeram presentes até mesmo quando todos estavam extremamente ocupados e correndo atrás das suas coisas. Agradeço especialmente à Stephanie e Giovanna, que estiveram comigo em cada momento da escrita desse trabalho, me dando apoio e força para que eu conseguisse fazê-lo e obtivesse sucesso.

Ao meu namorado e parceiro, Vinícius, por tanto me ajudar e me auxiliar em todos momentos difíceis que passei em todo o nosso tempo juntos. Por sempre ter tido amor, paciência e compreensão, e sempre me dar forças de continuar seguindo o meu sonho, por sempre me lembrar o motivo disso tudo e todo o sucesso que eu tenho pela frente. Você tem sido uma luz que Deus colocou em minha vida, como sempre eu havia pedido.

Mesmo que pareça bobo para muitos, gostaria de agradecer também à minha gata, Princesa Léia, que é a minha maior companhia e motivação, que fica ronronando e se esfregando em mim quando não estou bem, me segue por todos cantos da casa e se fez presente em cada linha desse trabalho, dormindo ao meu lado enquanto eu escrevia.

Não menos importante, devo agradecer de todo o meu coração à minha professora e orientadora Andrea Versuti. que fez eu me anaixonar ainda mais nor cinema e me ensinou mais

do que eu imaginava poder aprender. Não tenho palavras para descrever a tamanha gratidão de

tê-la conhecido e poder chamá-la de professora e amiga desde o primeiro semestre que a conheci na universidade.

Não podia deixar também de agradecer à Universidade de Brasília, por ter me acolhido tão bem e ter me ensinado tanto, ter me deixado viver diversas experiências que me trouxeram até aqui, até esse tema, até essas pessoas que tenho tanto amor e gratidão para dar.

Por isso, agradeço a todos com quem pude cruzar nesses meus anos de jornada, que são apenas o começo de mais uma outra. Sem vocês, eu provavelmente não teria chegado até aqui para agradecer tão profunda e imensamente.

RESUMO

A inclusão de estudantes no espectro autista é um tema relevante para o contexto educacional brasileiro atual. Neste artigo, buscamos compreender aspectos importantes do transtorno do espectro autista apresentando uma possibilidade de promover uma educação efetivamente inclusiva para estes sujeitos, por meio da educação pelo cinema. Para além de considerar as particularidades dos estudantes com TEA e as políticas públicas de inclusão na educação, também iremos discutir potencialidades do uso de filmes em sala de aula com foco neste público. Como objeto de análise, escolhemos o curta “Josué e o Pé de Macaxeira”, (2009) de Diogo Viegas, releitura do clássico João e o Pé de Feijão, em função de suas particularidades estéticas. A partir da decupagem deste filme, de suas imagens, paletas de cores, enquadramentos e sonoplastia, apresentaremos algumas possibilidades para que seu uso seja potencializado objetivando a promoção da inclusão de estudantes com TEA.

Palavras-chave: autismo; inclusão; educação midiática.

ABSTRACT

The inclusion of students on the autistic spectrum is a relevant topic for the current Brazilian educational context. In this article, we seek to understand important aspects of the autism spectrum disorder, presenting a possibility of promoting an effectively inclusive education for these people, through film education. In addition to considering the particularities of students with ASD and public policies for inclusion in education, we will also discuss the potential of using films in the classroom with a focus in these people. As an object of analysis, we chose the short film “Josué e o Pé de Macaxeira”, (2009) by Diogo Viegas, a reinterpretation of the classic João e o Pé de Feijão, due to its aesthetic particularities. From the decoupage of this film, its images, color palettes, framing and sound design, we will present some possibilities for its use to be maximized, aiming to promote the inclusion of students with ASD.

Keywords: autism; inclusion; media education.

MEMORIAL

Desde criança eu tinha uma enorme paixão pela educação, mesmo que indiretamente. Eu brincava com os meus primos de escolinha e eu era a professora, e com isso eu aprendia cada vez mais o conteúdo que eu usava na brincadeira. No final do meu ensino médio, eu sabia o que queria seguir, e entrando no curso de pedagogia eu tive mais certeza ainda dessa minha paixão por educar e, de certa forma, mudar vidas. Ao decorrer de toda minha trajetória, para além das brincadeiras de escolinha, eu trabalhei em escolas e fui aprendendo com cada uma delas coisas diferentes para se acrescentar nesse meu caminho.

Bem no início da minha vida escolar, na educação infantil, recebi de cara uma professora que não era nada compreensiva. Eu, assim como muitas crianças, sempre fui muito apegada à minha mãe, então acabei chorando muito ao me despedir dela no primeiro dia de aula. A professora, extremamente insensível com uma criança de apenas 5 anos de idade, brigou comigo e disse que assim eu não seria ninguém na vida. Pois bem, foi a partir do meu resgate dessa memória, alguns anos depois, que eu decidi que seria alguém na vida, e que não queria parar por aí, mas sim poder fazer algo para mudar o mundo, aquela ideia que toda criança e adolescente tem, sabe? Mas isso não é impossível, porque a mudança começa por nós mesmos, e decidi que eu seria uma pessoa melhor do que a que me destratou quando eu era tão nova e ainda muito ingênua, no começo da alfabetização e da vida.

No meu ensino fundamental, eu era uma criança muito quieta em sala de aula e que tinha muitas dificuldades de aprendizado, principalmente em matemática. Meus pais, que nem o ensino médio tinham feito, conseguiam me ajudar com poucas coisas nas tarefas de casa, mas sempre davam o melhor deles para que o meu futuro fosse diferente deles e eu pudesse cursar o ensino médio e, melhor ainda, ingressar em uma universidade. Minha motivação foi aumentando, de orgulhar quem sempre me apoiou desde sempre e fazer valer a pena todos os dias em que acordavam de madrugada para ir trabalhar e garantir o meu futuro. Mesmo com minha timidez em sala de aula para tirar as dúvidas, já que meus colegas de classe pareciam estar a par de tudo e só eu não conseguia acompanhar muito bem o ritmo dos conteúdos, eu me esforçava muito para acompanhá-los e estudar em casa o que eu conseguia sozinha.

Consegui chegar no ensino médio. Mas me pergunta se eu estava preparada para começar... não, eu não estava. As dificuldades ainda eram muitas, e ainda carregando a minha timidez e um certo medo de parecer “burra” tirando dúvida de todas matérias a todo momento,

o déficit de aprendizagem que carreguei por todo o meu ensino fundamental piorou, já que os

conteúdos, obviamente, iam ficando cada vez mais complicados, e eu ainda tinha dificuldade em muitas coisas lá do início mesmo. Graças a Deus, fiz amizade logo no meu primeiro ano do ensino médio com uma menina muito boa em exatas, e ela ia comigo pra escola no nosso contraturno para estudarmos juntas na biblioteca. Eu ainda não fiquei aquela coisa toda em exatas, mas ela sempre se preocupava em estudar comigo, garantir que eu estava entendendo e sempre me apoiava muito para que eu pudesse vencer essa barreira, e eu fui melhorando e perdendo o meu medo de perguntar, de questionar, de poder duvidar.

No meu ano seguinte, eu mudei de escola e ela continuou na anterior. Tive que conhecer uma nova escola, novas pessoas, vencer meus medos mais uma vez. E, tendo que estudar sozinha, descobri que eu conseguia aprender bem usando videoaulas em plataformas online, o que foi me ajudando a manter o ritmo da minha turma nova. E meu ensino médio foi a época mais corrida, onde as coisas iam mudando e avançando de uma forma extremamente rápida, eu era jovem aprendiz e ia para o trabalho assim que saía da escola e não tinha mais tanto tempo assim de estudar tudo que eu devia, já que além das obrigações escolares, eu também tinha a pressão de fazer o Enem, PAS e passar no vestibular. E, claro, com todas essas dificuldades novas e as anteriores, não consegui estudar direito para prova nenhuma que não fossem as escolares.

Quando saí do ensino médio, feliz por ter conseguido alcançar essa etapa que pode ser muito boba para muitos, eu fiquei muito feliz. Feliz por ter conseguido vencer meus medos, por ter criado laços que me ajudavam sempre que podiam, por ver meus pais sorrindo na minha colação de grau e por saber que eu ainda poderia conquistar muitas coisas. Mas essa alegria foi se esvaindo quando eu comecei a ver as pessoas passando na universidade e sabendo que eu não tinha tirado nota suficiente para passar em pedagogia. A cobrança familiar foi aumentando, eu fui me desesperando e voltei a estudar para o vestibular da UnB com os recursos que sempre usei e vi que estavam me ajudando, as videoaulas. Eu refazia inúmeras provas dos vestibulares anteriores e estava me esforçando muito, mas o conteúdo era muito extenso e eu ainda não dominava tanta coisa, as dificuldades ainda existiam, mesmo que menos do que antes. Foi aí que meu avô e minha tia se ofereceram a pagar um cursinho preparatório para mim.

Faltando mais ou menos dois meses para o vestibular, eu entrei no cursinho e foi uma experiência muito boa. Aprendi muito mais e aprofundei tudo que era necessário para que eu pudesse sair ao menos minimamente bem nas provas. Além de que os espaços educativos não são apenas de aprendizados de conteúdos, mas de convivências e laços que tornam esses

espaços ainda menores e mais importantes de serem frequentados. Chegando o dia da prova, eu fiz tudo suando frio, sempre com o “uma errada anula uma certa” na mente, o que me deixava

mais apavorada nessa situação toda. Mas, felizmente, consegui a vaga no curso que eu queria, que eu amava e ainda amo, mais do que nunca.

A universidade me mostrou que eu podia ser quem realmente sou. Que eu podia tirar dúvidas, questionar o que fosse preciso, conhecer diversos tipos de pessoas com múltiplas trocas a serem feitas, entre tantas coisas que só quem está inserido em um meio tão incrível assim sabe como é. Cada aprendizado, cada vivência, me trouxeram aonde estou e estão me encaminhando ainda para onde devo chegar, e sei que posso chegar muito mais longe ainda. E esse sempre foi meu objetivo. Ser uma pessoa e uma profissional melhor, que saiba incluir, ajudar, apoiar e entender cada um dos meus alunos, sem fazer terror psicológico como fizeram comigo no meu ensino infantil. Aprendi a verdadeira pedagogia, conheci mais desse amor, desse aconchego, e meu desejo antigo de tentar mudar o mundo foi se afluando cada vez mais, a cada matéria que abria mais minha mente e meu coração.

Sempre me interessei por inclusão de um modo geral enquanto estudava sobre isso na universidade, mas nunca trabalhei diretamente com isso, até pouco tempo atrás, que pude acompanhar uma criança autista e me apaixonei por isso, o que me levou a estudar cada vez mais sobre, já que ela estava em fase de alfabetização e precisava muito da minha ajuda e do meu acompanhamento sempre que possível. Ele era um autista nível 3 (que necessita de muito suporte) e sempre gostou muito de ver vídeos, escutar música e brincar com variadas formas, o que usei de apoio para ajudá-lo no aprendizado e que foi o início da minha inspiração para que esse trabalho fosse escrito.

Também com a paixão por cinema que carreguei a minha vida toda, descobrindo o quanto ele pode auxiliar na vida estudantil se usada de forma correta, eu vi que dava para juntar essas minhas duas paixões e desenvolver um breve estudo que mostre um pouco mais sobre como essa ferramenta pode ser essencial na educação de crianças autistas, para que mais pessoas vejam que é possível educar de diversas formas diferentes, até mesmo dentro de escolas que possam taxar esses alunos de “difíceis”, mas que na verdade só precisam de auxílio e uma educação que envolva amor e afeto, sempre olhando para as particularidades de qualquer criança que seja. E foi assim que esse meu trabalho de conclusão de curso foi criando vida, por um amontoado de paixões e o desejo de que as crianças possam sempre aprender, independente da forma usada para que desperte essa vontade e entusiasmo de estar sempre aprendendo.

INTRODUÇÃO

O começo de tudo se dá na infância, que é quando as crianças estão abertas a novos aprendizados e experiências que elas levarão para a vida toda. Sendo assim, essa é a fase em que a educação é primordial na vida de cada uma delas, na qual devem receber estímulos para que isso aconteça da melhor forma possível. Visando sair da educação bancária, citada por Paulo Freire, o uso de mídias em sala de aula fortalece o entendimento do estudante a respeito das questões tratadas no conteúdo em que se está aprendendo. Ao olhar para a realidade dos estudantes com o transtorno do espectro autista (TEA), as mídias - mais especificamente os filmes, que trataremos aqui - podem auxiliar o professor a usar a linguagem audiovisual, visando potencializar a educação inclusiva de forma lúdica.

Segundo Duarte (2002, p. 16) "ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais." Assim, usamos materiais filmicos apropriados para cada especificidade tratada nos conteúdos planejados pela Base Nacional Curricular Comum, contando também com as minuciosidades que cada aluno autista da educação infantil vai necessitar em cada contexto, lembrando que o aprendizado não é somente as matérias dadas em sala de aula, mas também vivências do cotidiano, onde os filmes também podem ser aplicados para uma experiência de aprendizados bastante eficaz.

Sendo assim, este trabalho final de curso foi produzido a partir de uma revisão bibliográfica sobre o tema dos usos do cinema na educação e também, de uma análise qualitativa do curta por meio da decupagem (XAVIER, 2005). Aqui abordaremos um pouco das especificidades de estudantes no espectro autista e como os elementos da linguagem cinematográfica podem contribuir como uma prática educativa que vise o seu desenvolvimento e a sua aprendizagem. Entendendo um pouco sobre o TEA, falaremos brevemente a respeito do uso da linguagem cinematográfica na sala de aula, levando em consideração alunos e professores em um geral, relembrando e pontuando o quão relevante isso se faz na vida de cada um, especialmente na inclusão de estudantes autistas, que é o nosso foco.

Desta forma, este artigo tem por objetivo responder ao seguinte problema de pesquisa: Como os elementos da linguagem cinematográfica presentes no curta Josué e o Pé de Macaxeira, podem contribuir para o atendimento de algumas necessidades educativas específicas dos estudantes com TEA?

O objetivo geral é analisar quantitativamente, por meio técnica da decupagem, os elementos da linguagem cinematográfica presentes no curta metragem “Josué e o Pé de

14

Macaxeira” (2009) de Diogo Viegas, buscando identificar suas potencialidades para contribuir com o atendimento de algumas necessidades educativas específicas dos estudantes com o Transtorno do Espectro Autista.

Para isso os objetivos específicos traçados foram:

- Caracterizar algumas especificidades das crianças com TEA;
- Descrever potencialidades para o uso de filmes em sala de aula;
- Apresentar o curta metragem “Josué e o Pé de Macaxeira” (2009) de Diogo Viegas.

Para a construção do objetivo geral, a metodologia desenvolvida foi de cunho qualitativo, a partir de uma pesquisa bibliográfica ancorada na educação inclusiva para crianças no espectro autista, utilizando alguns fundamentos de Bosa (2006) e Orrú (2003), o uso da linguagem cinematográfica em sala de aula com Moran (2007), Fresquet (2015) e a LDB, e a análise do curta “Josué e o Pé de Macaxeira” a partir do conceito de decupagem clássica de Xavier (2005), do uso das cores de acordo com Heller (2007), entre outros autores que discutem as potencialidades dos filmes em sala de aula, com foco nos estudantes com TEA.

Sendo assim, este artigo foi estruturado em três partes. Na primeira, foi definido o que é o espectro autista e algumas de suas especificidades necessárias para o entendimento deste estudo. O segundo trata das potencialidades do uso de filmes em sala de aula, levando em consideração, principalmente, a inclusão de crianças com autismo. Por fim, na terceira parte, apresentamos o curta “Josué e o Pé de Macaxeira”, destacando o motivo de escolha do filme e suas potencialidades para o público TEA.

1 – Considerações sobre o Transtorno Espectro Autista (TEA)

O autismo é um transtorno do desenvolvimento atípico caracterizado por dificuldades em interações sociais, na comunicação e comportamento e interesses restritos. A maioria das pessoas no espectro tende a melhorar conforme a idade, caso haja algum tipo de intervenção para que elas possam superar, aos poucos, os obstáculos do transtorno (BOSA, 2006). Por esse motivo, é necessário que haja um preparo na formação de professores para que eles estejam aptos a receber alunos com o transtorno do espectro autista em suas turmas, podendo assim, saber como ajudá-los e como incluí-los em tudo o que acontecerá em sala de aula.

O Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5.^a edição (DSM-V) (2013, p. 52) classifica as pessoas dentro do TEA em três níveis. O nível 1 exige pouco apoio, sendo que, quando não existe nenhuma forma de apoio para essas pessoas, há um déficit na comunicação que acaba causando prejuízos que podem ser notados e dificuldades para com interações sociais. No nível 2, que exige pouco apoio substancial, percebe-se alguns “déficits” quanto às habilidades sociais e verbais e não verbais, alguns prejuízos quanto às interações sociais mesmo que a pessoa receba apoio. Com isso, acabam tendo uma maior dificuldade em lidar com mudanças e tem comportamentos mais repetitivos. No nível 3, que exige muito apoio substancial, o déficit nas suas habilidades sociais é grave e o limitam a dar o primeiro passo nas interações sociais, além de darem respostas mínimas quando elas acontecem de forma muito direta.

No artigo 208 da Constituição Federal de 1988, existe a garantia da matrícula de alunos com necessidades educacionais especiais nas escolas regulares, assegurando “o direito à escolarização de toda e qualquer pessoa, a igualdade de condições para o acesso e para a permanência na escola e a garantia de “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”. Temos como reafirmação na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9.394/96), a obrigatoriedade desse atendimento aos estudantes com necessidades educativas especiais, sendo a preferência em escolas regulares, que sejam adotadas medidas educacionais inclusivas em todo o país (BRASIL, 1988).

Nem sempre os professores conseguem lidar as muitas demandas de uma turma, e alguns desses alunos com TEA podem frustrar os professores por conta das suas dificuldades de comunicação, sua resistência às coisas novas que a tirem da rotina e os desafios que podem surgir durante essa caminhada. Para isso, é necessário abrir mão desses pré-conceitos e olhar

diversas dela ser aplicada de maneira lúdica e cativante em sala de aula. Seguindo o pensamento de Orrú (2003):

Uma das responsabilidades do educador é a de intervir na vida humana por meio da reflexão e da ação reflexiva, geradoras de estratégias pedagógicas para o bem comum do educando. Logo, se é impossível fazer de conta que o autismo não existe, certamente podemos, enquanto educadores, nos dispormos à busca de maneiras inovadoras, facilitadoras, diferenciadas e produtivas para a construção de uma melhor qualidade de vida para a pessoa com autismo. (ORRÚ, 2003, p. 01)

Por volta da década de 1950, Feuerstein (ORRÚ, 2003) criou a sua teoria chamada Experiência de Aprendizagem Mediatizada (EAM), na qual o mediatizador interage com o mediatizado a fim de ampliar e desenvolver outras estratégias de ensino, com o objetivo de que surjam situações para que o estudante possa interagir com as atividades propostas de uma forma mais dinâmica, se adaptando às suas devidas necessidades. Sendo assim, percebe-se que deve haver essa mediatização como uma forma de intervenção para que o objetivo desse método, que é mudar a forma de se trabalhar e compreender através dessa relação de mediatizador e mediatizado, possa ser cumprida e aconteça uma evolução nas mudanças pensadas para o aluno (Orrú, 2003). A autora inclusive fala em seu texto o motivo pelo qual usa-se a palavra mediatizada ao invés de mediada, onde nos diz:

Preferimos o uso do termo mediatizada do que mediada por este primeiro, inferir como algo acima do ato de mediar, pois transcende do sujeito para fora dele, além de um nível de limite imposto, supondo uma intervenção de um princípio que lhe excede. (ORRÚ, 2003, p. 03)

Uma coisa a se perceber também quando falamos de educação de estudantes no espectro autista, é o uso das repetições nas instruções que damos a elas. Isso acaba sendo necessário por causa do comprometimento da linguagem de alguns deles, se tornando prejudicial ao entendimento de coisas novas, instruções mais complicadas e mudanças no cotidiano. As instruções devem ser o mais diretas e objetivas possíveis, para que assim esse aluno entenda melhor a atividade que lhe foi dada (BOSA, 2006). Assim, deve-se haver um preparo em diversas questões nas escolas para que a inclusão seja feita de forma correta, levando em consideração toda a comunidade escolar para que isso seja possível, assim como Mantoan (2013) nos diz: “Se o que pretendemos é que a escola seja inclusiva, é urgente que seus planos se redefinam para uma educação voltada para a cidadania global, plena, livre de preconceitos e que reconhece e valoriza as diferenças.”

Em 2003, o Governo Federal criou um programa chamado “Educação Inclusiva: direito

finalidade de poder transformar os sistemas educacionais mais inclusivos. Esse tipo de programa deveria ser mais divulgado e oferecido aos profissionais da educação, para que assim seja possível lidar da melhor maneira com as dificuldades que podem surgir no caminho, sabendo usar meios e métodos para incluir não só os alunos laudados, mas também os que não tem laudo e necessitam de ajuda para com suas dificuldades e não só podem, como devem, estar nesse processo de inclusão.

De acordo com Prieto (2016), é tarefa dos sistemas de ensino serem responsáveis pela formação contínua dos professores para garantir que eles possam oferecer uma educação de qualidade para todos os estudantes, incluindo aqueles com necessidades educacionais especiais, como os com TEA. Formação continuada é crucial para garantir que os professores estejam preparados para lidar com as necessidades dos alunos no espectro autista e outros distúrbios do desenvolvimento, e para garantir que eles possam usar as últimas práticas pedagógicas e estratégias de ensino. Isso pode incluir treinamento em como adaptar o ensino para estudantes com necessidades especiais, usar recursos visuais, lidar com alguns comportamentos que possam ser desafiantes, entre outros.

Por mais que possa parecer uma tarefa extremamente complicada, entendendo a necessidade de cada estudante no espectro autista e usando os materiais corretos, pode-se ver que não é algo impossível de ser realizado. Devemos voltar nossos olhares para eles e lutarmos pela inserção de políticas públicas inclusivas nas escolas, já que elas são um lugar para todos, onde a escola que deve adaptar seu currículo para receber esses sujeitos, e não o contrário. Em relação a isso, Carneiro (2012) nos ressalta:

(...) a concepção de educação inclusiva tem se fortalecido no sentido de que a escola tem que se abrir para a diversidade, acolhê-la, respeitá-la e, acima de tudo, valorizá-la como elemento fundamental na constituição de uma sociedade democrática e justa. Essa concepção pressupõe que a escola busque caminhos para se reorganizar de forma a atender todos os alunos, inclusive os com deficiência, cumprindo seu papel social. Espera-se da escola inclusiva competência para desenvolver processos de ensino e aprendizagem capazes de oferecer aos alunos com deficiência condições de desenvolvimento acadêmico que os coloque, de forma equitativa, em condições de acessarem oportunidades iguais no mercado de trabalho e na vida (CARNEIRO, 2012, p. 83).

Em 2008, tivemos propostas por parte da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva que assegurou a inclusão nas escolas de alunos com deficiências e transtornos globais do desenvolvimento, assim constituindo políticas públicas que promovessem uma educação de qualidade para todos, acompanhando os avanços do

crianças com TEA, a Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012, instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, que estabelece, quando se é comprovada a necessidade, o direito desse estudante de ser matriculado em escola regular e possuir acompanhante especializado em sala. Com isso, percebemos que, de fato, é a escola e seu currículo que devem se adaptar às necessidades de seus estudantes, e não o contrário, assim como nos fala Glat e Nogueira (2002):

Vale sempre enfatizar que a inclusão de indivíduos com necessidades educacionais especiais na rede regular de ensino não consiste apenas na sua permanência junto aos demais alunos, nem na negação dos serviços especializados àqueles que deles necessitam. Ao contrário, implica uma reorganização do sistema educacional, o que acarreta a revisão de antigas concepções e paradigmas educacionais na busca de se possibilitar o desenvolvimento cognitivo, cultural e social desse alunos, respeitando suas diferenças e atendendo às suas necessidades (GLAT; NOGUEIRA, 2002, p.26).

A escola é um espaço onde, além do aprendizado em sala de aula, há de fato o exercício da interação social, o que é importante para que se constitua o sujeito. A necessidade da inclusão de estudantes no espectro autista dentro desse espaço escolar, cria um ambiente que valoriza a diversidade e que entrega uma preparação quanto às necessidades não só deles, mas de todos os estudantes da instituição. Gauderer (1993) afirma que “é bom ter em mente que normalmente as crianças, à medida que vão se desenvolvendo, vão aprendendo a estruturar seu ambiente, enquanto que os autistas e outras crianças com distúrbios difusos do desenvolvimento precisam de uma estrutura externa para otimizar uma situação de aprendizagem”. Assim, torna-se necessário o uso de métodos de inclusão que os ajudem em suas dificuldades de comunicação e aprendizado, que é onde entra o uso do filme em sala de aula.

O cinema pode ser uma linguagem importante para a educação inclusiva em sala de aula. Ele pode ser usado como uma forma de promover a diversidade e a inclusão, ao mostrar personagens e histórias que representem diferentes grupos sociais e experiências de vida. Além disso, o cinema pode ser um meio poderoso para despertar o interesse e a empatia dos estudantes, ajudando-os a compreender e a se relacionar com perspectivas diferentes das suas próprias. Acerca dessa pluralidade de estudantes e das diversas formas de se introduzir a educação inclusiva em sala de aula que discutimos, De Carvalho (2003) nos explica o motivo pelo o cinema pode ser utilizado como uma fonte alternativa para o conhecimento escolar:

A relação cinema/história/educação é possível porque entendemos que as questões educacionais não podem ser compreendidas em sua profundidade se não estiverem relacionadas ao contexto mais amplo da sociedade. correspondendo aos interesses e

necessidades materiais surgidas em cada momento histórico da sociedade humana. (DE CARVALHO, 2003).

Vemos assim, que a educação é um processo contínuo de aprendizado e crescimento que está constantemente sendo influenciado pelo contexto social, político e cultural em que está inserida. O cinema pode ser o meio que contribui para visibilizar esses contextos e fornecer um entendimento mais profundo das questões educacionais. Além disso, filmes que exploram temas sociais e culturais podem ajudar a desenvolver a compreensão das estudantes sobre diferentes perspectivas e experiências de vida, sendo uma excelente fonte de conhecimento e inspiração para o processo educativo, auxiliando os professores em sala de aula a introduzir o cinema e promover a inclusão aos seus alunos.

2- Os filmes na educação

Em junho de 2014 foi aprovada a lei 13.006/2014, complementando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), com a qual se torna obrigatória a exibição de filmes nacionais por, no mínimo, duas horas mensais, integrado à proposta pedagógica de cada escola. O filme passado com um determinado objetivo e ligado a um conteúdo estudado, pode ajudá-los a melhor compreender o que está sendo passado para eles e qual a importância de tal conteúdo para a vida de cada um. O trabalho com a linguagem cinematográfica dentro de sala pode ser um desafio, mas acrescenta e muito na educação dos estudantes e dá a eles a oportunidade de interpretarem o mundo da sua forma, criarem suas conclusões, terem voz e pensamento crítico, além de trabalhar com a imaginação, onde o professor deve assumir o papel de mediar essas discussões, e não apenas transmitir o que sabe, para esse trabalho ser ainda mais efetivo. Assim como Moran (2007) nos aponta, é interessante que o professor possa encontrar alguns meios de provocar os seus estudantes através desse trabalho com as mídias na sala de aula.

Conhecendo as particularidades e necessidades de suporte de uma pessoa no espectro autista, pode-se perceber o quão se faz necessário adotar meios diversos para que se torne possível que elas sejam incluídas na sala de aula de uma forma que as faça compreender melhor e participar do que está sendo estudado pelos demais. Segundo Paulo Freire (1976, p. 22), "se o meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais vou instrumentando para melhor lutar por esta causa".

Sendo assim, essa forma de ensinar e aprender em sala de aula pode alimentar um maior interesse nesses estudantes a respeito de toda a aprendizagem no decorrer das aulas, ajudando significativamente a serem trabalhadas as diversas matérias que eles possam ter algum tipo maior de dificuldade, e incluindo os alunos do espectro autista nessas aulas que eles possam se sentir mais excluídos por conta disso. "Uma ruptura de base em sua estrutura organizacional, como propõe a inclusão, é uma saída para que ela possa fluir, novamente, espalhando sua ação formadora por todos os que dela participam. (MANTOAN, 2003, p. 11)"

Um exemplo de situação que vivenciei no meu trabalho foi quando eu substituí uma outra estagiária em uma turma, em que ela acompanhava uma criança autista não verbal. O estudante ficava todas as aulas rodando em círculos e, quando me questionei à professora se tinha alguma forma de fazer com que ele se sentasse e pudesse executar alguma atividade, já que ele não atendia aos meus chamados, ela me respondeu que ele era assim mesmo e podia

tinha como lidar com ele além de deixá-lo ficar rodando a sala de aula em círculos o tempo inteiro. Donnellan (1984) afirma que assumir desde o início que uma pessoa não está interessada em não fazer nada é mais prejudicial ao seu desenvolvimento do que admitir que ela está interessada, mas não dispor dos instrumentos e aptidões para que se possa construir relações sociais. As atividades educativas devem sempre estar focando na interação e no desenvolvimento.

Ainda sobre o caso que relatei, podemos ver o quão necessário é a adequação da escola e formação docente, além do conhecimento dos pais acerca do tema para que essas intervenções sejam feitas no cotidiano do estudante autista, fazendo com que ela possa, aos poucos, ir se adaptando e se interessando pelas pequenas coisas que fazem e farão parte de toda a vida dela, como os estudos e a convivência social. É aí que entra o uso das mais diversas formas de atividades lúdicas educativas que podem ser trabalhadas com ela na escola e em casa, estimulando-a a participar das atividades, rodas de conversa, brincadeiras, entre outros tipos de interações sociais.

Fernandes (2004) nos explica que o objetivo dos procedimentos educativos e terapêuticos com crianças autistas é promover o desenvolvimento do aspecto social, portanto, deve-se juntar nessas atividades o sujeito autista com outras estudantes de sua turma, onde a atividade lúdica servirá para ampliar e tornar diverso e variado o repertório de comunicação do estudante que vive no espectro autista. Ou seja, é de suma importância que sejam trabalhados e apontados contextos que sejam iguais ou semelhantes aos ambientes em que a criança autista esteja acostumada a conviver, assim, o uso da linguagem acaba sendo favorecido, o que é uma das coisas que mais acaba por interferir nas relações sociais desses estudantes no espectro.

O essencial é entender que o problema da dificuldade não é da criança ou de limitações biológicas como tem sido interpretado, e, sim, resultado da inadequação dos instrumentos culturais direcionados à sua aprendizagem e ao seu desenvolvimento e da incompreensão sobre seus modos de ser e de agir, de suas condutas atípicas. (DE PAOLI, 2020, p. 211)

Os filmes, usados como uma proposta educativa em sala de aula, trazem potencialidades não somente para os estudantes, mas também para os professores, contribuindo para o seu desenvolvimento profissional, dando espaço e imaginação para outras formas lúdicas de ensinar e aprender, e dar mais espaço para que eles participem e ajudem a fazer com que as aulas possam ocorrer no cotidiano, promovendo uma experiência na qual possam ser utilizadas várias mídias corroborando o conteúdo discutido, onde a turma pode usar de todos os tipos de mídias que eles

aprendendo em sala de aula. Fresquet (2015) nos fala que a escola pode se tornar um espaço aberto para que toda a comunidade ali envolvida possa participar desse processo, tendo a participação nas escolhas dos filmes e nos debates de todas as pessoas que fazem parte desse espaço de ensino, de forma compartilhada. Com isso, os estudantes não estão mais em dois lados opostos, mas estão juntos assistindo e analisando um mesmo filme, ou seja, estão postos no mesmo lugar, com toda sua atenção voltada à tela e ao que se está passando nela.

Outra coisa que a autora nos aponta, é como seria interessante e ampliaria o conhecimento dos estudantes caso os filmes escolhidos e passados em sala de aula fossem de origem nacional, até mesmo como a lei propõe, mas que não é executada nem o foco dela, que é ser passado duas horas mensais de filmes com o tema ligado à proposta pedagógica da escola. Com essa ampliação de conhecimento de diretores e roteiristas nacionais, seria sugerido talvez chamá-los para que o diálogo sobre a obra seja mais amplo, para que haja uma ligação e uma interação entre a escola e todo aquele universo cinematográfico que foi visto por eles.

Um outro questionamento que podemos apreender a partir da Lei do Cinema, é o motivo pelo qual fala-se especificamente que essas duas horas mensais de filmes em sala de aula sejam em torno de filmes brasileiros. Nem sempre as pessoas gostam de trabalhar com cinema brasileiro, devido à diversos estereótipos que circulam acerca desses filmes. É importante ressaltar que todos os filmes (nacionais ou não) precisam ser analisados previamente pelo docente, visando identificar suas potencialidades. Fresquet (2015) nos explica, de forma clara, o motivo de especificar nossos filmes nacionais:

(...) a importância e os efeitos que o cinema pode ter nos processos subjetivos e nas invenções de mundo de estudantes não estão restritas ao cinema brasileiro. Entretanto a Lei faz um recorte – filmes brasileiros. É certo que para conhecer é preciso um recorte – esse pode ser tão aleatório como outro: apenas filmes egípcios, por exemplo, seria um tanto absurdo, mas não deixaria de ser um recorte. Por proximidade e patriotismo, talvez, escolhamos filmes que de certa forma tencionam os sotaques, as variações dos tipos e das línguas, que nos colocam em relação com o próximo e o distante que por vezes está na esquina. Imaginamos que a abertura do conhecimento para a diferença, potência fundamental do cinema, é tanto mais forte quando há essa relação de identificação, de percepção da proximidade e da distância para o que conhecemos, para o que é parte do que chamamos minha cidade, meu estado, meu país. (FRESQUET, 2015, p. 15)

Para além dessa preocupação, há de se pensar também em como inserir esses filmes nas escolas e como isso pode ser feito em sala de aula com a inclusão. É necessário pensar políticas públicas para que seja possível essa adaptação do uso cinematográfico nas escolas, além da valorização da formação continuada docente para que haja a possibilidade concreta de

das escolas tem, pelo menos, um aparelho de televisão e um videocassete, mas é preciso ser pensado pelas escolas a necessidade de estar sempre acompanhando as tecnologias ao nosso redor e usá-las a nosso favor para que a educação cinematográfica possa ser inserida de forma geral em todas as escolas. Assim como nos diz Miranda:

(...) o que é característico da educação que o cinema nos proporciona é que não aprendemos a linguagem do cinema separada da história pelo filme contada. No cinema aprendemos as coisas do mundo; cada filme nos diz de forma oral e figurativa as coisas do mundo e atribui valor a cada coisa, ensinado-nos (sic) as características mais importantes de cada uma. (MIRANDA, 2005, p. 03)

As tecnologias têm um papel importante a desempenhar na educação dos estudantes e podem ser uma ferramenta poderosa para ajudar a tornar o processo de aprendizado mais dinâmico e interativo. Além disso, é importante considerar o contexto em que a tecnologia será usada e como ela pode ser utilizada de maneira efetiva para atender às necessidades dos alunos. O uso de atividades lúdicas e diferentes maneiras de adaptar o material de ensino pode ajudar a despertar o interesse dos estudantes e fazer com que o aprendizado seja mais significativo e duradouro, para além da cópia repetitiva do quadro. Assim, reforça-se a necessidade de uma formação de professores que saibam fazer uso desse meio.

É necessário formar professores/educadores afinados, com uma nova concepção de trabalho educativo, que tenham a capacidade de romper com a fragmentação disciplinar e avançar para outras formas de trabalho com as crianças na direção da unidade metodológica do trabalho coletivo e interdisciplinar. (FREITAS, 2003, p. 117)

Com isso, vemos como a formação de professores e educadores é fundamental para garantir que eles estejam preparados para enfrentar os desafios do ensino e fornecer a melhor educação possível para os estudantes. É importante lembrar que essa abordagem também exige que os professores tenham uma compreensão mais profunda e ampla dos assuntos que estão ensinando e que estejam preparados para trabalhar em conjunto com os colegas e outros profissionais da educação para oferecer aos seus alunos uma experiência de aprendizado mais rica e completa. Cunha (2014, p. 101) nos afirma isso quando diz que “não há como falar em inclusão sem mencionar o papel do professor. É necessário que ele tenha condições de trabalhar com a inclusão e na inclusão”.

Assim, vemos que as diferentes mídias podem contribuir com o fazer pedagógico. Ela reforça a necessidade que a escola tem de mudar, revolucionar-se, fazer uso dos instrumentos

que temos ao nosso alcance e que se faz presente em nossas vidas diariamente. "(...) a questão

24

que se colocaria não era o fim da escola, a morte da escola. Para mim, é a demanda de uma escola que estivesse à altura das novas exigências, históricas que a gente experimenta. Uma escola sem medo nenhum de dialogar com os chamados meios de comunicação." (FREIRE, 2014). A escola deve ser um espaço inovador, que chame a atenção dos estudantes para que haja interesse pelo saber, e isso requer o uso dos recursos com os quais eles já estão acostumados. Olhando para essas perspectivas que nos foram dadas a respeito da necessidade e da importância do uso de filmes em sala de aula, mais especificamente buscando a inclusão, escolhemos para este artigo destacar as possibilidades de uso pedagógico de um curta metragem alinhado à algumas especificidades dos estudantes no espectro autista. O curta escolhido foi Josué e o pé de Macaxeira, (2009), do diretor Diogo Viegas, que será objeto de discussão da sessão posterior.

3- Análise do curta: Josué e o Pé de Macaxeira

Tendo em vista os relatos pessoais apresentados no capítulo anterior, e a potencialidade do uso de mídias em salas de aula inclusivas e para estudantes com TEA, especialmente das que possuem cores vibrantes e demais elementos que podem despertar o interesse destes sujeitos, escolhemos o curta metragem Josué e o Pé de Macaxeira (2009). Isto pois, consideramos que os seus elementos audiovisuais e narrativos possuem características que chamam a atenção e atraem o foco do estudante, e podem ser explorados pelos professores, em diversos aspectos, conforme serão apresentados no decorrer deste capítulo.

O curta dirigido e produzido por Diogo Viegas foi lançado em 2009, possui 12 minutos de duração e ganhou 13 prêmios em seu ano de lançamento, nacionais e internacionais. O filme traz uma releitura da clássica história de “João e o pé de feijão”, com algumas características do nosso sertão brasileiro, como por exemplo, a macaxeira, que consta em seu título. Além disso, possui uma paleta de cores quente, como a caatinga, e uma trilha sonora que embala a aventura do protagonista, e que, do modo como se associa às expressões faciais de seus personagens, dispensa falas.

Figura 1: Cartaz do curta metragem



Fonte: Filmow (2009)

Nessa versão, Josué acaba trocando o seu jumento por duas macaxeiras que foram oferecidas a ele, o que deixa sua avó irritada, fazendo-a jogar ambas as macaxeiras no fundo de um noco. Enquanto Josué dorme em sua rede do lado de fora da casa, as macaxeiras crescem e

carregam consigo a rede em que ele estava dormindo, ficando no topo do pé de macaxeira.

26

Quando acorda nas nuvens, ele se depara com uma construção muito parecida com uma igreja antiga, mas que na verdade é a casa de um cangaceiro gigante que mantém aprisionado um trio que toca forró para ele e uma galinha que coloca enormes ovos feitos de ouro. Josué fica encantado ao ver o tamanho e a quantidade de ovos de ouro ali no local, mas acaba decidindo por libertar o trio e a galinha daquele lugar. Isso acaba despertando a fúria do gigante, que os persegue até eles conseguirem escapar descendo para a superfície pelo pé de macaxeira. O cangaceiro gigante também tenta descer, mas seu peso acaba quebrando a planta e ele cai, o que provoca sua morte. Com o acontecido, Josué tem a decisão de ajudar a população local, vendendo macaxeira para os moradores dali, já que as raízes do pé são enormes e poderiam alimentar a todos por um bom período de tempo.

Figura 2: Final do curta



Fonte: Josué e o Pé de Macaxeira (2009)

O curta traz muitas potencialidades a respeito da história que nos é contada e pode nos auxiliar na compreensão de algumas coisas que são do cotidiano dos estudantes, e ajudar as dificuldades dos alunos no espectro a respeito disso. Acerca do filme, pode-se ser tratada para com os estudantes sobre a generosidade e também a compaixão, onde Josué desiste da ideia de sair do pé de macaxeira com os ovos de ouro e decide ajudar a galinha e o trio a saírem daquele lugar. O trabalho em equipe é uma grande potencialidade a ser exposta para a turma também, já que, sem a cooperação de todos para fugirem das garras do cangaceiro gigante, seria muito mais difícil deles terem escapado com sucesso daquele lugar. Com isso, pode-se propor atividades que entrelacem essas potencialidades para que elas sejam trabalhadas em grupo, fazendo com que os estudantes coloquem em prática o que foi visto no curta e tenham uma melhor compreensão das ações do filme.

Uma das particularidades de alguns sujeitos diagnosticados com TEA é “uma apreciação inadequada de deusas socioemocionais, falta de reciprocidade socioemocional, ausência de expressão facial, dificuldade para discriminar e compreender expressões faciais.” (LAMPREIA, 2004). Sendo assim, o curta também pode auxiliar o educador ao mostrar aos seus estudantes as diversas expressões faciais dos personagens, e trabalhar a partir delas para que se possa compreender o que cada uma quis transmitir em cada momento do curta. Esta abordagem pode ser exercitada também na prática da sala de aula, alertando para importância de se reconhecer e identificar as expressões faciais dos colegas, levando o estudante no espectro a socializar melhor em sala de aula e entender os sentimentos dos outros. Além do mais, pode ser usado como paralelo, uma imagem oposta de cada sentimento identificado para os estudantes observarem assim conseguirem reconhecer melhor cada um deles.

Figura 3: Alegria



Fonte: Josué e o Pé de Macaxeira (2009)

Figura 4: Tristeza



Fonte: Josué e o Pé de Macaxeira (2009)

Figura 5: Espanto



Fonte: Josué e o Pé de Macaxeira (2009)

Figura 6: Raiva



Fonte: Josué e o Pé de Macaxeira (2009)

Para auxiliar um melhor entendimento dos estudantes a respeito das emoções e sentimentos por meio das expressões faciais, pode-se analisar também algumas cenas do curta por meio da decomposição (XAVIER, 2005) que é o processo de decomposição dos filmes por

meio de suas cenas em planos. Cada plano cinematográfico quer passar alguma ideia e focar

em algum acontecimento do momento, por isso, é importante conhecer e reconhecer cada uma delas para que possam fazer parte do processo de aprendizagem por meio das expressões faciais do curta.

Figura 7: Plano geral



Fonte: Josué e o Pé de Macaxeira (2009)

O plano geral é usado “em cenas localizadas em exteriores ou interiores amplos, a câmera toma uma posição de modo a mostrar todo o espaço da ação (XAVIER, 2005)”. Sendo assim, nessa cena final do curta, mostra-se a vista, de longe, do pé de macaxeira que Josué e seus amigos cortam para vender e, também, para que possamos visualizar melhor seu tamanho e a fila que se faz em torno dela.

Figura 8: Plano médio ou de conjunto



Fonte: Josué e o Pé de Macaxeira (2009)

No chamado plano médio ou de conjunto, usa-se para que a câmera mostre todos os elementos que estão presentes na ação. Nessa cena onde Josué se depara com o gigante cangaceiro esmurrando a mesa para que o trio possa tocar, ela mostra a grandeza do gigante perante ao trio e a Josué, mostrando assim, tudo o que está sendo envolvido nessa cena nessa

perante ao tio e a Josué, mostrando, assim, tudo o que está sendo envolvido nessa cena nesse momento, desde os detalhes dos personagens até os detalhes do ambiente da cena.

Figura 9: Primeiro plano



Fonte: Josué e o Pé de Macaxeira (2009)

No primeiro plano, a câmera foca exclusivamente em algum detalhe muito próximo do rosto de algum dos personagens, quase que tomando conta de toda a tela. Assim como podemos visualizar na imagem em que o cangaceiro gigante corre atrás de Josué e dos seus amigos que fogem dele, esse plano serve para enfatizar os sentimentos, como o do cangaceiro, que é raiva, fúria, ódio, e também fazendo com que o espectador possa se sentir mais próximo deste personagem.

Outra coisa que pode chamar a atenção desses estudantes é a paleta de cores presente no curta, que também pode ser usada para ser trabalhada dentro dessas atividades em sala de aula, de forma integrada e para além da aula de artes, para que possam ser percebidos outros detalhes, emoções, contextos e outros elementos narrativos presentes no curta, que ajudem os estudantes a compreender, por meio do entendimento desta linguagem, a maior parte das nuances do filme.

As cores que vemos ser mais presentes no curta “Josué e o Pé de Macaxeira” são os tons mais escuros voltados ao marrom e alguns tons mais claros voltados ao amarelo, que em suma representam muito o sertão nordestino (local da estória), enfatizando características do clima presente nesse lugar, caracterizado por seus longos períodos de seca. Além de representar o clima do sertão, a cor marrom também remete à pobreza (HELLER, 2007), que é mostrada durante o curta pela simplicidade de Josué e dos moradores.

Paleta de cores 1



Paleta de cores 2



Fonte: Josué e o Pé de Macaxeira (2009) Fonte: Josué e o Pé de Macaxeira (2009)

A cor amarela também presente no curta nos traz justamente o seu maior efeito simbólico, que é sol. Segundo Heller (2007), “como cor do sol, o amarelo age de modo alegre e revigorante. Os otimistas têm disposição ensolarada, o amarelo é sua cor”, e isso é bastante ilustrado pelo otimismo de Josué quando ele ganha as macaxeiras no início do curta, e também o de encontrar os ovos de ouro e pensar que há uma saída para conseguir ajudar sua avó em casa. Além do mais, ele não abre mão da sua alegria e otimismo nem quando tudo parece perdido, que é quando o cangaceiro gigante começa a perseguir Josué e seus colegas em sua fuga. Até mesmo no final do curta, quando Josué começa a cortar os pedaços do pé de macaxeira para vender em sua comunidade, ele ainda continua com um semblante alegre e otimista, tanto por ter ajudado seus colegas quando agora poder ajudar os moradores dali com o alimento, vendo que, apesar de não ter conseguido os ovos de ouro, a maior realização foi poder conseguir ajudar todos ali ao seu redor.

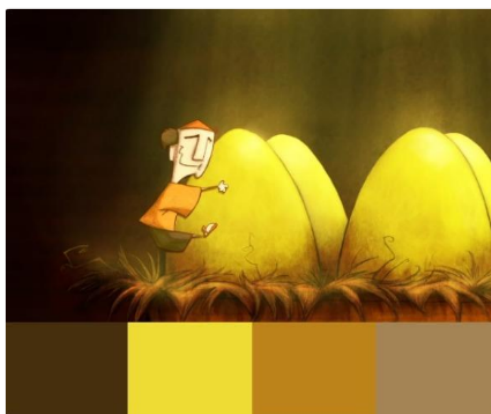
Outra cor que aparece misturada a esses tons, é o dourado. Ela aparece, especificamente, na parte em que Josué se depara com uma enorme quantidade de ovos de ouro que a galinha coloca todos os dias. Imediatamente, ao ver esses ovos dourados, ele pula em cima de um deles, se agarra a ele e dá um beijo, ficando extremamente eufórico ao achar aqueles ovos de ouro. A cor dourada nos lembra riqueza e nos chama a atenção por seu brilho e pelo seu significado simbólico também na sociedade ocidental. A simbologia do ouro nos remete ao dinheiro, sorte e luxo, e a essa cor é também a cor da vaidade. Objetos de cor dourada podem atrair pela sua beleza e nos parecem distantes, por representar poder (HELLER, 2007). Isso é perceptível

quando vemos a reação de Josué ao achar os ovos de ouro, o que nos remete à representação de

31

um grande poder atribuído ao cangaceiro gigante que comanda a galinha a produzir esses ovos para ele.

Paleta de cores 3



Fonte: Josué e o Pé de Macaxeira (2009)

Há também uma grande presença da música no curta, pois como não existem diálogos, são as músicas que dialogam com as cenas, as expressões, as cores, etc. As músicas, assim como o curta em si, foram adaptadas para a melodia do sertão brasileiro. Elas também fazem parte das expressões e reações dos personagens, dando sonoridade para o que poderiam ser as falas de cada um deles, mostrando que a musicalização presente no curta contribui também a compreender o que se passa em cada cena. Sobre a potencialidade da musicalização, o documento Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) nos afirma:

O trabalho com a música deve considerar, portanto, que ela é um meio de expressão e forma de conhecimento acessível aos bebês e crianças, inclusive aquela que apresentam necessidades especiais. A linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento, além de poderoso meio de interação social. (RCNEI, 1998, p. 49)

Além de estar alinhado às necessidades educativas das crianças com TEA e ter diversas potencialidades educacionais, este é um curta de fácil acesso no contexto escolar, pois está disponível gratuitamente na plataforma do YouTube, e precisa-se apenas de um computador conectado à internet e um apresentador multimídia ou projetor para sua exibição em sala de aula.

Com essa análise, retomamos como o uso de filmes em sala de aula tem, de fato, diversas

potencialidades a serem trabalhadas pelos educadores com seus alunos. Não só esse curta, mas

32

muitos outros também podem ser incluídos no cronograma escolar trazendo várias propostas e temas diferentes que podem ser exploradas na educação de crianças com TEA, contribuindo para construir conhecimento acerca que a linguagem fílmica e para o seu desenvolvimento interpessoal, oferecendo elementos para a melhora no processo de socialização destes estudantes com a turma.

Por fim, corrobora-se o que Almeida (2004) nos mostra quando o autor nos diz que: “O significado do filme não está no resumo que eu faça dele depois, mas no conjunto de sons e imagens que, ao seu término, compôs um sentimento e uma inteligência sobre ele.” Ou seja, todos os elementos presentes no filme em conexão, farão parte do saber e compreender de cada um dos estudantes envolvidos no processo de apreciação estética e, posteriormente em sua decupagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os filmes estão presentes no dia a dia de todas as crianças, encantando-as com suas histórias, cenas, cores, trilha sonora, etc. Com o uso desta linguagem é possível aos educadores discutirem assuntos pertinentes ao currículo do ano em que os estudantes estão inseridos, é uma tática um tanto quanto inovadora, se pensada a potencialidade do filme que será usado em sala. Tendo isso em vista, apresentamos o curta “Josué e o Pé de Macaxeira”, que nos traz muitas possibilidades de trabalho em sala de aula, principalmente e ações direcionadas às crianças no espectro autista e algumas de suas particularidades, que foi o maior foco desse trabalho.

Este artigo teve como propósito falar um pouco sobre o transtorno do espectro autista, sobre o uso da linguagem cinematográfica em sala de aula e como o curta escolhido pode auxiliar os educadores a partir de algumas especificidades do TEA, trazendo elementos do filme como cores, músicas, enquadramento, expressões faciais e sentimentos.

O curta “Josué e o Pé de Macaxeira” pode contribuir em diversos aspectos na escola com estudantes no espectro autista, levando em consideração as necessidades e particularidades que o educador possa encontrar nos estudantes de sua turma, promovendo atividades lúdicas por meio do curta e levando para a sala de aula elementos importantes da linguagem cinematográfica e sua composição bastante complexa. Este debate não se limita a este curta, mas qualquer outro filme que possa ser usado para suas finalidades educativas, possibilitando diversas descobertas acerca do que ele pode acrescentar na educação do estudante com autismo.

Com este artigo, eu pude me aprofundar em questões importantes a respeito dos estudantes com TEA, conhecendo melhor cada especificidade presente nesses sujeitos e procurando aprender e compreender novas formas de se trazer a educação lúdica e midiática para dentro da sala de aula. Com isso, tenho certeza do caminho que escolhi seguir, e sei que sempre estarei à procura de melhorar como profissional e de buscar novos meios de poder educar, usando de todas as formas, linguagens e recursos disponíveis para fazê-lo.

Pretendo também seguir com a minha carreira acadêmica por meio do mestrado e, quem sabe de um doutorado, pois me enxergo trabalhando com a educação inclusiva em diferentes

níveis educativos e assim contribuir para mudar a realidade brasileira em relação a este tema, pois ainda há muito por ser feito!

34

REFERÊNCIAS

- BOSA, Cleonice Alves. Autismo: intervenções psicoeducacionais. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 28, p. s47-s53, 2006.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, Brasília, 1988.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.
- BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB. Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 12 jul. 2022.
- BRASIL. **Lei n. 12.764**, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3o do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília, DF, 28 dez. 2012. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12764-27-dezembro-2012-774838-publicacaooriginal-138466-pl.html>. Acesso em: 19 dez. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental**. — Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/renei_vol1.pdf.
- CARNEIRO, R. U. C. Educação Inclusiva na Educação Infantil. **Práxis Educacional**, vol. 8, n. 12 (2012).
- CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 5.ed. Rio de Janeiro: Wak Ed.,2014.
- DE CARVALHO, Elma Júlia Gonçalves. Conhecimento da história e da educação: o cinema como fonte alternativa. **Comunicações**, v. 10, n. 2, p. 183-195, 2003.
- DUARTE, Rosália. **Cinema & educação: refletindo sobre cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- FILMOW. **Josué e o Pé de Macaxeira**, 2009. Disponível em: <https://filmow.com/josue-e-o-pe-de-macaxeira-t18436/>.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro. Paz e terra, 1976.
- FREIRE, Paulo. **Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação**. Editora Paz e Terra, 2014.

FREITAS, Luiz Carlos. **Uma Pós-Modernidade de Libertação**. Reconstruindo as esperanças. São Paulo: Autores Associados, 2003.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: a Lei 13.006 – reflexões, perspectivas e propostas**. Universo Produção, 2015.

GAUDERER, C.E. **Autismo e outros atrasos do desenvolvimento: uma atualização para os que atuam na área; do especialista aos pais**. Brasília: Corde, 1993.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como atuam as cores sobre os sentimentos e a razão**. 2007.

JOSUÉ e o Pé de Macaxeira. Direção e criação de Diogo Viegas. Brasil, 2009.

LAMPREIA, Carolina. Os enfoques cognitivista e desenvolvimentista no autismo: uma análise preliminar. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 17, p. 111-120, 2004.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. **Inclusão escolar – o que é? Por quê? Como fazer?** Campinas: Científicas, 2003.

Miranda, C. E. A., COPPOLA, G. D., & RIGOTTI, G. F. A educação pelo cinema. **Rev. Educação e Cinema**, Unicamp: SP, 02 (2005).

MORAN, J. Como utilizar as tecnologias na escola. In: **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. São Paulo: Papirus, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

ORRÚ, S.E. (2003). A formação de professores e a educação de autistas. **Revista Iberoamericana de Educación**, vol 31, p.01-15.

PRIETO, R. G. Atendimento escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: um olhar sobre as políticas públicas de educação no Brasil. In: MANTOAN, M. T. E; PRIETO, G. R; ARANTES, A. V, organizadora. **Inclusão Escolar: Pontos e Contrapontos**. São Paulo: Summus, 2006.

XAVIER, Ismail. “A decupagem clássica”. in: **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência**. São Paulo: Paz e Terra. pp. 27-39, 2005.

